

Educação de filhos: desafios hodiernos

Lúcia Vaz de Campos Moreira¹

Resumo

O presente artigo versa sobre a família no seu papel educativo, sendo concebida como lugar de fundamental importância para a educação de crianças. São referidos alguns desafios/dificuldades hodiernos para a educação de filhos: estabelecimento de limites, a experiência da autoridade e o sentimento de culpa/insegurança. Nas conclusões, são apresentadas alternativas para o enfrentamento das dificuldades encontradas por ambos os pais ante o desafio educativo dos filhos.

Palavras-chave: educação de filhos; pais e filhos; família.

Abstract

Family childhood education: daily challenges

This article is about the family in its role as the most important educator of children. Reference is made to some challenges which frequently occur in family childhood education; such is the establishing of limits, the experiencing of authority and the feeling of guilt and insecurity. In the conclusion of this article, alternative approaches are suggested for meeting these difficulties experienced by both parents in view of the educational challenges which they face.

Key words: family childhood education; parents and children; family.

Privilegia-se no presente artigo a relação educativa dos pais com os filhos. Abordar tal questão caracteriza-se como um tema sempre atual, uma vez que, como observa Bastos (2001), reflexões acerca da educação de crianças e interesse pelos valores culturais ligados à criação de filhos estão presentes em registros desde o início da história escrita da humanidade.

A relação pais-filhos vem sofrendo grandes mudanças, assim como as próprias famílias, justificando a realização de estudos e análises sobre o tema, assim como reflexões sobre os desafios hodiernos relativos à educação de filhos.

I A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

A família se constitui como *locus* adequado e privilegiado ao desenvolvimento de seus membros e da sociedade, caracterizando-se por uma relação de plena reciprocidade tanto entre os sexos, quanto entre as gerações (PETRINI, 2001; PETRINI, ALCÂNTARA 2002).

Ela tem sido o lugar fundamental da educação e da socialização das novas gerações. É nela que a criança faz a experiência de ser acolhida e amada, de conviver com as diferenças (sexuais, de temperamento, idade, entre outras), aprende o valor positivo do sacrifício de satisfações imediatas visando o bem maior do conjunto familiar ou de determinado membro e aprende também a ser responsável visto que deve responder a alguém pelos seus atos (PETRINI, ALCÂNTARA 2002).

Mudanças significativas vêm ocorrendo nas famílias nas últimas décadas, em vários aspectos: com relação ao amor, à sexualidade, à fecundidade e à procriação, aos vínculos, à paternidade e à maternidade, aos relacionamentos entre homem e mulher, entre outros. Tais mudanças obviamente interferem no modo em que ocorre o processo educativo dos filhos.

Para ilustrar observa-se, na atual fase de transição demográfica que o País vivencia, que o comportamento da população vem refletindo o processo continuado de transformações nos padrões demográficos, notadamente na fecundidade. Segundo consta na Síntese de Indicadores Sociais (IBGE, 1999) houve declínio dos níveis de fecundidade nas diversas regiões do País e nos distintos estratos sociais.

No Censo Demográfico 2000 - Resultados Preliminares do IBGE, constata-se um declínio relativo do crescimento demográfico brasileiro. A taxa média de crescimento geográfico anual observada no período de 1991/2000 foi de cerca de 1,6% ao ano, sendo inferior às observadas nas décadas anteriores, inclusive na década de 80, quando a taxa foi de 1,9% ao ano. Obviamente, tal transição demográfica tem afetado bastante o tamanho das famílias brasileiras.

Outro elemento interessante apresentado pelo IBGE (2000) é a taxa de urbanização no Brasil, que prosseguiu em sua trajetória histórica evolutiva. Em 1991, 75,6% da população residia em áreas urbanas, enquanto em 2000 esta taxa foi elevada para 81,2%, sendo que a maior proporção de população rural é encontrada no Nordeste (31,0%). Para Marcon (1998), a partir dos anos 50, o acelerado processo de urbanização que acompanhou a industrialização e a ascensão econômica, trouxe consigo mudanças com relação aos valores e aos papéis assumidos pelas mulheres e sua crescente participação no mercado de trabalho. Tanto o desejo de realização profissional quanto a crise econômica nacional vêm contribuindo para o ingresso da mulher no mercado de trabalho (inclusive mulheres de classe média).

Diante da intensificação da atividade industrial, do avanço tecnológico, do ingresso progressivo da mulher no mercado de trabalho e do aumento importante da migração campo-cidade, também surgem, em diversos países, reflexões relativas ao atendimento ideal para crianças com pouca idade. As instituições de educação

infantil (creches e pré-escolas), estão sendo grandes colaboradoras no processo educativo de crianças de zero a seis anos. Mas não se pode deixar de lado o papel da família na educação de crianças pois, como colocam Moreira e Lordelo (2000), ela é a primeira, a mais importante e a mais duradoura âncora na educação da criança.

No atual cenário de mudanças sociais que atingem a família analisa-se, a seguir, a questão da paternidade e da maternidade nos tempos atuais.

2 MATERNIDADE E PATERNIDADE

Na sociedade pós-moderna, tanto o homem quanto a mulher vêm sofrendo modificações quanto a seus papéis perante a família.

A figura do pai vem sendo progressivamente desvalorizada e desacreditada. Para Morandé (1996), os sintomas mais relevantes deste fenômeno são: perda da autoridade do pai com relação aos filhos e também à chefia do lar, sendo que o número de famílias monoparentais sob a responsabilidade da mulher vem aumentando significativamente; imagem patriarcal desacreditada na medida em que é percebida como a causa da opressão no matrimônio e na família; descrédito da imagem patriarcal em decorrência das críticas ao paternalismo do Estado e de outras instituições de assistência; atribuição à figura paterna de todo autoritarismo, particularmente como fundamento dos regimes totalitários do século passado; introjeção, em nível psicológico, desde a tenra infância, da imagem do pai como sendo ele a origem do sentimento de culpa, do moralismo, assim como a inibição da busca do prazer e da alegria de viver, promovendo as tendências autodestrutivas e depressivas; por fim, a imagem paternal de Deus também é desacreditada, na medida em que é considerado o fundamento religioso das opressões e das discriminações humanas, tanto no âmbito da vida pública, quanto familiar e privada.

Por outro lado, houve um forte ingresso da mulher no mercado de trabalho, enormes índices de separação e de divórcio, aumento dos casos de produção independente (mães solteiras) e dos lares chefiados por mulheres sozinhas. Para Jablonski (1999), tais elementos geram novas expectativas sociais quanto aos deveres dos homens como pais. Para ele, espera-se também que, no âmbito da masculinidade, alguns questionamentos levem a novos padrões atitudinais e comportamentais.

Diante das modificações familiares, quais seriam então, na atualidade, as principais diferenças entre pais e mães? Para Jablonski (1999), elas consistem nas seguintes: os primeiros interagem com os filhos numa base mais física e menos íntima, com ênfase nos jogos e no humor, enquanto as mães mantêm com os filhos uma relação centrada na proteção, na afetividade e, comparativamente, mais objetiva e séria. Com relação à quantidade, o autor cita o trabalho de Lamb (1987), segundo o qual, a cada hora de envolvimento ativo gasto do pai com o filho, correspondem três a cinco a cargo da mãe. No quesito qualidade da relação, o mesmo autor lembra

que, enquanto as mães digladiam-se com seus filhos na alimentação, banho, cuidados corporais e vestimenta, os pais aparecem mais na hora do recreio, em atividades ligadas, como dito anteriormente, ao brincar e ao lazer. O trabalho invisível, de planejar, organizar, delegar funções e responsabilidades, supervisionar e organizar horários cabe em aproximadamente 90% dos casos à mulher.

Para Jablonski existe uma situação de disparidade de papéis vivenciada pelas mulheres de forma bastante dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções, e o que é pior, alimentada por atitudes dos próprios homens. Segundo ele, um significativo contingente de mulheres urbanas de classe média sente-se traído e iludido por estas promessas não cumpridas, o que ocasiona uma expressiva fonte adicional de conflitos dentro de uma área já suficientemente carregada de problemas. Para elas, isoladas, com poucos parentes e tendo como companhia constante apenas vizinhos quase que indiferentes, o que resulta é um agravamento de sentimentos negativos: solidão, tédio, aborrecimento, cansaço, tensão e frustração. Tais sentimentos servem de poderosa munição para recriminações ora objetivas, ora difusas no tocante às relações conjugais.

Com relação à idade dos filhos, casais com filhos pequenos ou em idade escolar tendem a enfrentar maior estresse do que os casais com filhos em idade adulta. Através de pesquisas com vinte e sete casais brasileiros, Diniz (1999) conclui que a mulher tende a especificar melhor os sentimentos mobilizados pela dificuldade de participação tanto no cuidado dos filhos quanto nas tarefas domésticas. Os homens expressam também sentimentos de mal-estar em relação à falta de tempo para a família, mas as falas não denotam o mesmo grau de insatisfação manifestado pelas mulheres. As respostas indicam que a área conjugal é a mais penalizada. Os casais tendem a sacrificar sua intimidade para dedicarem mais tempo aos papéis familiares e ao acompanhamento dos filhos.

A fim de conciliar família e trabalho, os casais utilizam estratégias. A seguir são mencionadas algumas delas: a) uso de recursos pessoais para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia, como humor, amor, responsabilidade, disponibilidade, tranqüilidade, etc; b) uso de recursos interpessoais como o diálogo, a montagem de uma estrutura de funcionamento para a vida familiar e para o casal, até o uso de agrados afetuosos; c) uso de recursos ambientais que se complementam – o acesso à tecnologia moderna para facilitar o trabalho doméstico, a contratação de ajuda doméstica, o apoio de familiares e de instituições como a escola, a utilização de privilégios do local de trabalho como horário corrido, etc; d) falta de estratégias: alguns homens e mulheres parecem preferir não ter uma estrutura de funcionamento e às vezes até ignorar a questão (Diniz, 1999).

São abordadas a seguir, mais especificamente, algumas questões que permeiam a educação de filhos nos tempos atuais.

3 TRAÇOS DA EDUCAÇÃO DE FILHOS NOS TEMPOS ATUAIS

No tempo de nossos avós, era comum que se valorizassem as experiências de vida transmitidas por seus antepassados, ao contrário dos tempos atuais, nos quais há uma tendência a se desvalorizar o passado.

Além disso, nas últimas décadas vem ocorrendo uma disseminação de informações relativas à educação de crianças, relacionadas com a Psicologia e a Pedagogia. Tais assuntos, até pouco tempo, eram domínio estrito de especialistas. Atualmente, os diversos meios de comunicação abordam constantemente o tema, tornando públicas várias idéias e conceitos que, conseqüentemente, se refletiram na forma de pensar e de agir dos pais, alterando, por conseqüência, a relação pais-filhos (ZAGURY, 2001).

Para a autora, tais conhecimentos trouxeram conseqüências positivas como o crescimento do diálogo entre as gerações e a atenuação dos conflitos da antiga relação, extremamente autoritária; e negativas como levar ao questionamento de quase tudo o que se fazia até então, sendo que muito do que se passou a considerar como fora de uso, antiquado ou ultrapassado em termos de educação não foi claramente substituído por outras formas de ação educacional.

Destaca-se que as mudanças na educação dos filhos refletem mudanças em âmbitos maiores. Como mencionam Petrini e Alcântara (2002), o ritmo acelerado das transformações sociais e culturais interfere na família, entrando em crise, tanto a tradicional arcaica quanto a nuclear, surgindo, então, formas alternativas insatisfatórias.

Com a pós-modernidade, valores essenciais das instituições ocidentais foram desacreditados, entre os quais Deus, ser, razão e a própria família (OLIVEIRA e DIAS, 2000). Para as autoras, neste período, estão presentes sentimentos predominantes tais como: de fragmentação, de imediatismo, de ausência de ideais e de respostas, de vazio e, principalmente, de desamparo.

Como conseqüência dessas diversas mudanças, a atual geração de pais está mais insegura. Sobre isso Zagury (2001, p.4), afirma que “os pais de hoje, apesar de terem mais informações, são mais inseguros e freqüentemente temem as conseqüências de cada atitude sua”. Para a autora, os pais de “ontem”, eram mais seguros sobre o que faziam. Acreditavam que, enquanto pais, sabiam o que era melhor para os seus filhos.

Determinados elementos da relação educativa entre pais e filhos, nos tempos atuais, precisam ser investigados. Alguns deles são abordados a seguir.

3.1 Limites

Os limites não possuem apenas a dimensão restritiva. De La Taille (2000) fala de três.

O primeiro significado de limite diz respeito ao que deve ser transposto, seja para atingir a maturidade, seja para caminhar em direção à excelência em alguns

campos de atuação e conduta. A excelência consiste na procura de ser melhor do que si mesmo, não necessariamente melhor do que o outro. Para o autor, a busca de excelência pode acompanhar a vida toda e é a clara tradução de uma procura eterna de superação de limites; ele aponta para o risco de excesso de mimo ou de atribuição artificial e gratuita de auto-estima. Segundo ele, ambos levam a criança em direção oposta à excelência e conduzem-na, na realidade, à mediocridade e, finalmente, ao sentimento intenso e perene de inferioridade, com resultados deploráveis para seu convívio social. Para o autor, tanto pelo excesso de mimo como pela humilhação, o adulto falha em estimular a criança a procurar a superação, a tentar alcançar o lado de lá de seus atuais limites, a dar valor à excelência; paralisa-se o movimento que leva de uma situação inferior para uma situação superior.

O outro significado de limite diz respeito àquilo que deve ser respeitado, não transposto, seja para viver bem, seja para deixar os outros viverem bem. Neste tipo estão inclusos os limites físicos que são concretos, objetivos: os “não” parentais cumprem papel preventivo de cuidados com o corpo (não engolir objetos, não colocar o dedo na tomada, etc); nesta classificação também estão os limites restritivos normativos, criados e impostos pela sociedade. Os limites físicos colocam a dimensão do impossível e os normativos, a dimensão do proibido, restringindo a liberdade em nome de valores. Ao analisar Freud, De La Taille menciona que colocar limites, no sentido restritivo do termo, faz parte da educação, do processo civilizador e, portanto, a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem em que vale a lei do mais forte.

O autor traz o relato de pesquisa mencionado por Turiel que compara três tipos de educação moral no seio das famílias, sendo seus resultados medidos em termos de alcance de autonomia. O primeiro tipo pode ser chamado de educação autoritária que se traduz na imposição de regras, acompanhada da afirmação de sua legitimidade. O segundo caracteriza-se pela educação por ameaça de retirada de amor. O terceiro é a educação elucidativa, onde cada ordem ou repreensão é acompanhada da explicação de sua razão de ser, baseando-se normalmente nas conseqüências da infração e no bem-estar do outro. Os resultados da pesquisa apontam o terceiro tipo como o mais eficaz, por ser o que melhor contribui para que os filhos legitimem intimamente os valores e as regras morais e tenham autonomia em relação a eles.

Finalmente, limite pode também remeter à fronteira da intimidade, ou seja, ao controle do acesso dos outros à nossa pessoa. Para o autor, a necessidade da privacidade é um fenômeno humano universal.

Nos três casos, uma ação educativa é necessária. De La Taille ressalta que, se há hoje uma “crise”, ela tanto pode ser interpretada como “falta de limites” quanto como “excesso deles”: são fenômenos complementares. Frequentemente, é a mesma pessoa que não atingiu a maturidade, que desconhece critérios de excelência e infringe limites, prejudicando a si própria e aos outros. E, não raras vezes, é a mesma pessoa que não sabe resguardar sua intimidade e respeitar a dos outros.

No universo da cultura e da ciência, a onda “pós-moderna”, com seus relativismos de toda sorte, com sua valorização da irracionalidade, com suas “desconstruções”, acaba por reduzir o universo a uma vasta planície sem referenciais pelos quais nos localizarmos. O certo e o errado, o bonito e o feio, o verdadeiro e o falso misturam-se ou são considerados meras questões de opinião: tudo é válido, nada é importante. O permitido e o proibido mesclam-se, o excelente e o medíocre confundem-se, o privado e o público interpenetram-se.

Os limites não são, hoje, claramente identificáveis por ninguém. Por um lado, isso é positivo, pois mostra que temos ou queremos ter horizontes mais vastos e flexíveis que nossos antepassados. Mas, por outro, pode traduzir uma crise de valores cujo preço pagamos e, o que é mais grave, fazemos a geração mais nova pagar. Também o “eterno presente”, a desvalorização do passado, caracteriza-se por ser um dos principais fenômenos responsáveis pelo desvanecimento dos demais limites.

Mas, ainda recorrendo à visão de De La Taille, se os jovens carecem de limites é porque a sociedade como um todo deve estar privada deles, ainda que se observe a sua falta em muitas pessoas mas, por outro lado, o excesso deles sufoca a maioria.

Na atualidade, muitos pais apresentam dificuldades em estabelecer limites para os filhos e mesmo em finalizar discussões e questões simples do dia-a-dia. São, nesse aspecto, bem diferentes dos de antigamente, que tinham certeza do que pretendiam e, por isso mesmo, não davam possibilidade de tanta argumentação acerca de coisas como horário de dormir e tipos de alimentos a serem ingeridos. O que era definido e definitivo para os pais da geração anterior, não o é mais hoje. De maneira geral, as mães apresentam esse tipo de dificuldade em maior grau e as que trabalham fora de casa mostram isto de forma mais acentuada, e se observa este fenômeno também na prática de vários professores (ZAGURY, 2001).

O grande problema, conforme a autora, no que diz respeito ao estabelecimento de limites, é que os pais não sabem mais se é correto fixar ou não fixar padrões e regras de comportamento. Eles se obrigam a atitudes nas quais não acreditam verdadeiramente, mas que se lhes impõem, porque esta lhes parece ser a forma que atualmente é concebida como educar esomente quando os pais tiverem definido os princípios educacionais que querem seguir é que terão condições de se decidirem ante as diversas situações.

Zagury associa limites a segurança, justificando que é também através deles que a criança identifica que alguém a protege e se preocupa com ela percebendo, inclusive, que o adulto sabe e tem segurança do que faz. Segundo ela, o que traz a insegurança dos pais é justamente o fato de não terem padrões para basear sua prática; o que eles faziam sem maiores preocupações passa a ser fonte de angústia e de ansiedade. Esse fato em si é extremamente prejudicial, pois eles perdem grande parte da espontaneidade com relação aos filhos, além de que a criança, percebendo a situação, sente-se insegura, já que são os pais sua principal fonte de segurança.

que ela consiste naquilo que faz crescer. A experiência da autoridade surge como o encontro com uma pessoa rica de consciência da realidade, de modo que ela se impõe como alguém revelador, que gera novidade, respeito e, poder-se-ia dizer também, que desperta certo fascínio (GIUSSANI, 2000).

Porém, para Zagury, elementos como as leituras realizadas, o ambiente social e a própria distorção do que seja democracia vêm dificultando o exercício da autoridade. O medo de errar, de castrar, de frustrar leva os pais a uma atitude de excessiva permissividade em relação aos filhos.

É evidente que na família, até que os filhos cresçam, não há outra alternativa a não ser delegar aos pais a função de governantes já que, as crianças até certa idade, não têm condições de gerirem suas vidas e de viver sós. Portanto, até se tornarem independentes, cabe aos pais a tarefa de decidir por elas, protegê-las, representá-las, orientá-las. Obviamente, à medida em que crescem, os pais que querem ter uma relação democrática com seus filhos irão, aos poucos, ampliando o espaço decisório deles (ZAGURY, 2001).

3.3 Culpa

É bastante comum que o sentimento de culpa esteja presente nos pais dos tempos atuais. Para Zagury, isto é tanto maior quanto mais eles agem por influência de teorias com as quais não concordam ou nas quais não acreditam, mas às quais não conseguem se opor. Isto muitas vezes se dá pela tendência generalizada das pessoas em acreditar em tudo que está impresso. Neste sentido, é grande o poder dos diversos meios de comunicação e é comum que se tome por verdade o que se leu em determinado livro ou o que se assistiu na televisão. Além disso, a autora considera que a culpa pode se originar do grande desejo de acertar, tendo os pais uma excessiva preocupação e uma exigência de perfeição muito grande no que diz respeito à necessidade de “fazer o certo”. Embora seja extremamente positiva, a vontade de acertar pode detonar o processo de culpa porque, a qualquer momento, é possível que os pais não correspondam ao modelo de pai e de mãe elaborado por eles mesmos.

A mãe que trabalha fora, segundo a autora, é uma das maiores vítimas da culpa; em decorrência disto, é mais propensa a se submeter às exigências e aos caprichos dos filhos, porque tudo que acontece é percebido como produto da sua ausência. Por outro lado, o pai não se sente culpado por trabalhar, pois sempre foram os homens os provedores do sustento familiar.

Ao entrevistar 160 pais (de ambos os sexos) de classe média da cidade do Rio de Janeiro, abordando a questão da educação de filhos, Zagury conclui que a grande maioria deles (61,3%) encontra-se atualmente numa posição intermediária entre as teorias de educação tradicionais e as modernas, utilizando conceitos de uma ou outra linha. A autora observa que ainda há mais pais que concordam com as premissas tradicionais (28,8%) do que com as mais modernas (10%). Muitas vezes, eles apresentam opiniões incoerentes, se analisadas as teorias das duas tendências

premissas tradicionais (28,8%) do que com as mais modernas (10%). Muitas vezes, eles apresentam opiniões incoerentes, se analisadas as teorias das duas tendências estudadas.

Cento e sete (quase 70%) dos pais de ambos os sexos entrevistados pela autora afirmaram acreditar que mães que trabalham fora de casa privam seus filhos do atendimento de muitas das necessidades e anseios infantis contra apenas 47 que consideraram não haver prejuízo, e 7 que não tinham opinião formada sobre o assunto. Não houve diferença significativa entre os sexos nesta questão. Embora os pais considerem que as mães deixam de atender às necessidades infantis quando trabalham fora, não acham o mesmo em relação a si próprios. Isso gera um clima de culpa e, conseqüentemente, de débito das mães para com os filhos; Além de elas sentirem que deveriam estar em casa cuidando dos filhos, seus próprios maridos confirmam esta impressão, aumentando-lhes a culpa e a ansiedade. Na pesquisa, todas as questões que abordaram temas como culpa e insegurança obtiveram alta concordância de ambos os pais, algo em torno de 70% a 80%.

Com relação à insegurança, dos 160 pais ouvidos na pesquisa de Zagury, 108 (67,5%) concordaram em que muitas vezes fazem concessões aos filhos pelo fato de se sentirem inseguros quanto à forma mais apropriada de agir ao educá-los, e 109 (68,1%) concordaram que, diversas vezes, suas ações visam evitar sentimentos posteriores de culpa na relação com os filhos. Para a autora, tais questões demonstram o quanto os pais encontram-se sem uma referência quanto ao modo mais adequado de educar seus filhos.

4 PENSANDO EM ALGUMAS ALTERNATIVAS

Segundo Bronfenbrenner (1996), a presença de um adulto (do ambiente doméstico ou do mundo do exterior), com quem a mãe se relaciona positivamente proporciona uma interação mais efetiva dela com as crianças. Além disso, a possibilidade de os pais desempenharem efetivamente seus papéis na educação dos filhos dentro da família, vai depender das exigências dos papéis, dos estresses e dos apoios oriundos de outros ambientes.

A seguir, são listadas algumas alternativas que podem favorecer o relacionamento de ambos os pais com seus filhos:

- 1) estimular reflexões do casal sobre os aspectos positivos e negativos do seu próprio processo educativo, propiciando a valorização e o aproveitamento dos aspectos positivos de sua tradição familiar e não apenas uma rejeição total a ela;
- 2) redescobrir o valor das trocas intergeracionais de experiências e de ajudas nas necessidades cotidianas de modo tal que avós, pais e filhos não fiquem isolados e sozinhos no enfrentamento dos desafios que a vida contemporânea lhes apresenta;

- 3) as escolas e também as instituições de educação infantil (creche e pré-escola) poderão proporcionar discussões relativas à educação de filhos entre os pais das crianças que atendem. Tais discussões poderão ser ricas na medida em que os pais poderão compartilhar experiências, dúvidas, medos, dificuldades e principalmente as experiências positivas que estão tendo com relação ao tema;
- 4) grupos de amigos, de organizações sociais ou religiosas podem favorecer reflexões sobre a educação de filhos através de palestras sobre o tema e posterior reflexão sobre as dificuldades e facilidades educativas que estão sendo vivenciadas pelos que ali se encontram.

Concluindo, pode-se afirmar que a educação de filhos vem sendo um grande desafio nos tempos atuais e precisa ser tratada como um assunto sério pelas famílias, pelas instituições educacionais, assim como pelo governo e as demais instituições não governamentais.

NOTA

¹ A autora é psicóloga (USP), mestre em educação (UFBA) e funcionária do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família (Salvador – BA).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **Modos de partilhar: a criança e o cotidiano da família**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2001.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Tradução por Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BUCHER, Júlia S.N. Ferro. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. (Org.). Rio de Janeiro: NAU, 1999. p.82-96.

CHAVES, Antonio Marcos. **Crianças abandonadas ou desprotegidas?** São Paulo, 1998. Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

DE LA TAILLE, Yves. **Limites: três dimensões educacionais**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; SILVA, Deusivânia Vieira da. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO. **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. p.118-149.

DINIZ, Gláucia R.S. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: FÉRES-CARNEIRO. **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. p.31-54.

DUQUE, Denise Franco. Crises normais do ciclo de vida familiar. **Rev. ABPAG**, v.5, p.78-86, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIUSSANI, Luigi. **Educar é um risco: como criação de personalidade e de história**. São Paulo: Companhia Limitada, 2000.

GLAT, Rosana. **Somos todos iguais a vocês**. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2000: resultados preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de indicadores sociais – 1999**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. 226p. (Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, 4).

JABLONSKI, Bernardo. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: FÉRES-CARNEIRO. **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. p.55-69.

MARCON, Sonia Silva. **Criar os filhos: representações de famílias de três gerações**. Florianópolis, 1998. Tese de Doutorado em Enfermagem. Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina.

MORANDÉ, Pedro. La imagen del padre en la cultura de la postmodernidad. **Anthropotes**, Vaticano, n.2, p.241-259, dic. 1996.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; LORDELO, Eulina da Rocha. Vínculos efetivos na educação infantil: o lugar da família. **Ágere: Revista de Educação e Cultura**, Salvador, v.2, jul./dez 2000, p.103-120.

OLIVEIRA, Inalda Dubetx; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Família pós-moderna, construção de subjetividade e escolha profissional. **Revista Symposium**, ano 4, número especial, dez. 2000, p.45-52.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 1999.

OLIVEIRA, Zilma M. R. A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória. **Revista da Faculdade de Educação**, v.14, n.1, p.43-52, São Paulo, 1988.

OLIVEIRA, Zilma M. R.; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Creches: crianças, faz de conta & cia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PALACIOS, J.; GONZÁLEZ, M. M.; MORENO, M. C. Stimulating the child in the Zone of Proximal Development: the role of parents' ideas. In: SIGEL, I. E.; DELISI, A. V. V. M.; GOODNOW, J. J. (Eds.) **Parental belief systems: the psychological consequences for children**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1992.

PETRINI, Giancarlo. **As políticas familiares**. 2001 (no prelo).

PETRINI; ALCÂNTARA, Miriã. A família em mudança. *Veritati* III, 2, pp.125-140.

RECH, Terezinha. Reidentificação educacional: compreensão subjetiva no desenvolvimento dos modelos parentais. **PSICO**, Porto Alegre, v.28, n.1, p.97-122, jan./jun. 1997.

ZAGURY, Tania. **Sem padecer no paraíso: em defesa dos pais em sobre a tirania dos filhos**. 16.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.